

SOLENIIDADE DO NATAL

CIC 456-460, 466: “Porque é que o Verbo encarnou?”

- 456** Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: «*Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem*»¹.
- 457** O Verbo fez-Se carne *para nos salvar, reconciliando-nos com Deus*: «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» (1 Jo 4, 14). «E Ele veio para tirar os pecados» (1 Jo 3, 5):
«Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?»².
- 458** O Verbo fez-Se carne, *para que assim conhecêssemos o amor de Deus*: «Assim se manifestou o amor de Deus para connosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» (1 Jo 4, 9). «Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16).
- 459** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...] » (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (Mc 9, 7)³. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento⁴.
- 460** O Verbo fez-Se carne, *para nos tornar «participantes da natureza divina»* (2 Pe 1, 4): «Pois foi por essa razão que o Verbo Se fez homem, e o Filho de Deus Se fez Filho do Homem: foi para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a adopção divina, se tornasse filho de Deus»⁵. «Porque

¹ DS 150.

² São Gregório de Nissa, Oratio catechetica 15, 3: TD 7, 78 (PG 45, 48).

³ Cf. Dt 6, 4-5.

⁴ Cf. Mc 8, 34.

⁵ Santo Ireneu de Lião, Adversus haereses 3, 19, 1: SC 211, 374 (PG 7, 939).

o Filho de Deus fez-Se homem, para nos fazer deuses»⁶. «*Unigenitus [...] Dei Filius, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factus homo* – O Filho Unigénito de Deus, querendo que fôssemos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza para que, feito homem, fizesse os homens deuses»⁷.

- 466** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem»⁸. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne»⁹.

CIC 461-463, 470-478: a Encarnação

- 461** Retomando a expressão de São João («o Verbo fez-Se carne»: *Jo* 1, 14), a Igreja chama «Encarnação» ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. Num hino que nos foi conservado por São Paulo, a Igreja canta este mistério:

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de Cruz» (*Fl* 2, 5-8)¹⁰.

- 462** A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: “Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade”» (*Heb* 10, 5-7, citando o *Sl* 40, 7-9, segundo os LXX).

- 463** A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» (*1 Jo* 4, 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o princípio, ao cantar «o grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-Se na carne» (*1 Tm* 3, 16).

⁶ Santo Atanásio, *De Incarnatione*, 54, 3: SC 199, 458 (PG 25, 192B).

⁷ São Tomás de Aquino, *Officium de festo corporis Christi, Ad Matutinas, In primo Nocturno, Lectio 1: Opera omnia*, v. 29 (Parisiis 1876) p. 336.

⁸ Concílio de Éfeso, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 250.

⁹ Concílio de Éfeso, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

¹⁰ Cf. Cântico nas I Vésperas de Domingo: *Liturgia Horarum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1973-1974), v. 1, p. 545.629.718 e 808; v. 2, p. 844.937.1037 e 1129; v. 3, p. 548.669.793 e 916; v. 4, p. 496.617.741 e 864 [Ed. portuguesa: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 621.710.803 e 897; v. 2, p. 984, 1079, 1182 e 1278; v. 3, p. 685.800.918 e 1032; v. 4, p. 633.748.866 e 980]

470 Uma vez que, na união misteriosa da Encarnação, «a natureza humana foi assumida, não absorvida»¹¹, a Igreja, no decorrer dos séculos, foi levada a confessar a plena realidade da alma humana, com as suas operações de inteligência e vontade, e do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, a mesma Igreja teve de lembrar repetidamente que a natureza humana de Cristo pertence, como própria, à pessoa divina do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Ele fez e faz nela, depende de «um da Trindade». Portanto, o Filho de Deus comunica à sua humanidade o seu próprio modo de existir pessoal na Santíssima Trindade. E assim, tanto na sua alma como no seu corpo, Cristo exprime humanamente os costumes divinos da Trindade¹²:

«O Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado»¹³.

471 Apolinário de Laodiceia afirmava que, em Cristo, o Verbo tinha ocupado o lugar da alma ou do espírito. Contra este erro, a Igreja confessou que o Filho eterno assumiu também uma alma racional humana¹⁴.

472 Esta alma humana, que o Filho de Deus assumiu, é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Como tal, este não podia ser por si mesmo ilimitado. Exercia-se nas condições históricas da sua existência no espaço e no tempo. Foi por isso que o Filho de Deus, fazendo-Se homem, pôde aceitar «crescer em sabedoria, estatura e graça» (*Lc 2, 52*) e também teve de Se informar sobre o que, na condição humana, deve aprender-se de modo experimental¹⁵. Isso correspondia à realidade do seu abatimento voluntário na «condição de servo»¹⁶.

473 Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina da sua pessoa¹⁷. «A natureza humana do Filho de Deus, *não por si mesma, mas pela sua união com o Verbo*, conhecia e manifestava em si tudo o que é próprio de Deus»¹⁸. É o caso, em primeiro lugar, do conhecimento íntimo e imediato que o Filho de Deus feito homem tem do seu Pai¹⁹. O Filho também mostrava, no seu conhecimento humano, a clarividência divina que tinha dos pensamentos secretos do coração dos homens²⁰.

474 Pela sua união com a Sabedoria divina na pessoa do Verbo Encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava, em plenitude, da ciência dos desígnios

¹¹ II Concílio do Vaticano, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

¹² Cf. *Jo 14, 9-10*.

¹³ II Concílio do Vaticano, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042-1043.

¹⁴ Cf. São Dâmaso I, Epistula «Hóti tê apostolikê kathédra»: DS 149.

¹⁵ Cf. *Mc 6, 38; 8, 27; Jo 11, 34*; etc.

¹⁶ Cf. *Fl 2, 7*.

¹⁷ Cf. São Gregório Magno, Ep. *Sicut aqua*: DS 475.

¹⁸ São Máximo Confessor, *Quaestiones et dubia*, Q. I, 67: CCG 10, 155 (66: PG 90, 840).

¹⁹ Cf. *Mc 14, 36; Mt 11, 27; Jo 1, 18; 8, 55*; etc.

²⁰ Cf. *Mc 2, 8; Jo 2, 25; 6, 61*; etc.

eternos que tinha vindo revelar²¹. O que neste domínio Ele reconhece ignorar²² declara, noutro ponto, não ter a missão de o revelar²³.

- 475 De igual modo, a Igreja confessou, no sexto Concílio ecuménico, que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas mas cooperantes, de maneira que o Verbo feito carne quis humanamente, em obediência ao Pai, tudo quanto decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo para a nossa salvação²⁴. A vontade humana de Cristo «segue a sua vontade divina, sem fazer resistência nem oposição em relação a ela, antes estando subordinada a essa vontade onipotente»²⁵.
- 476 Uma vez que o Verbo Se fez carne, assumindo uma verdadeira natureza humana, o corpo de Cristo era circunscrito²⁶. Portanto, o rosto humano de Jesus pode ser «pintado»²⁷. No VII Concílio ecuménico²⁸, a Igreja reconheceu como legítimo que ele fosse representado em santas imagens.
- 477 Ao mesmo tempo, a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, «Deus que, por sua natureza, era invisível, tornou-Se visível aos nossos olhos»²⁹. Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços do seu corpo humano, de tal modo que, pintados numa imagem sagrada, podem ser venerados porque o crente que venera a sua imagem, «venera nela a pessoa nela representada»³⁰.
- 478 Jesus conheceu-nos e amou-nos, a todos e a cada um, durante a sua vida, a sua agonia e a sua paixão, entregando-Se por cada um de nós: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se por mim» (Gl 2, 20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esse motivo, o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação³¹, «*praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat* – é considerado sinal e símbolo por excelência... daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens»³².

CIC 437, 525-526: o mistério do Natal

- 437 O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como sendo o do Messias prometido a Israel: «nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador que é

²¹ Cf. Mc 8, 31; 9, 31; 10, 33-34; 14, 18-20. 26-30.

²² Cf. Mc 13, 32.

²³ Cf. Act 1, 7.

²⁴ Cf. III Concílio de Constantinopla (ano 681), Sess. 18ª, Definitio de duabus in Christo voluntatibus et operationibus: DS 556-559.

²⁵ III Concílio de Constantinopla (ano 681), Sess. 18ª, Definitio de duabus in Christo voluntatibus et operationibus: DS 556

²⁶ Cf. Concílio de Latrão (ano 649), Canon 4: DS 504.

²⁷ Cf. Gl 3, 1.

²⁸ II Concílio de Niceia (ano 787), Act. 7ª, Definitio de sacris imaginibus: DS 600-603.

²⁹ Prefácio do Natal II: Missale Romanum, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 396 [Missal Romano, Gráfica de Coimbra 1992, p. 458].

³⁰ II Concílio de Niceia, Act. 7ª, Definitio de sacris imaginibus: DS 601.

³¹ Cf. Jo 19, 34.

³² Pio XII, Enc. Haurietis aquas: DS 3924; cf. Id., Enc. Mystici corporis: DS 3812.

Cristo, Senhor» (Lc 2, 11). Desde a origem, Ele é «Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo» (Jo 10, 36), concebido como «santo» no seio virginal de Maria³³. José foi convidado por Deus a «levar para sua casa Maria, sua esposa», grávida d'«Aquele que nela foi gerado pelo poder do Espírito Santo» (Mt 1, 20), para que Jesus, «chamado Cristo», nascesse da esposa de José, na descendência messiânica de David (Mt 1, 16)³⁴.

525 Jesus nasceu na humildade dum estábulo, no seio duma família pobre³⁵. As primeiras testemunhas deste acontecimento são simples pastores. E é nesta pobreza que se manifesta a glória do céu³⁶. A Igreja não se cansa de cantar a glória desta noite:

«Hoje a Virgem dá à luz o Eterno
e a terra oferece uma gruta ao Inacessível.
Cantam-n'Os os anjos e os pastores,
e com a estrela, os magos põem-se a caminho,
porque Tu nasceste para nós,
pequenino, Deus eterno!»³⁷

526 «Tornar-se criança» diante de Deus é a condição para entrar no Reino³⁸, e para isso, é preciso abaixar-se³⁹, tornar-se pequeno. Mais ainda: é preciso «nascer do Alto» (Jo 3, 7), «nascer de Deus»⁴⁰, para se «tornar filho de Deus»⁴¹. O mistério do Natal cumpre-se em nós quando Cristo «Se forma» em nós⁴². O Natal é o mistério desta «admirável permuta»:

*«O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est; et, procedens homo sine semine, largitus est nobis suam deitatem – Oh admirável permuta! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem sem progenitor humano, tornou-nos participantes da sua divindade!»*⁴³

CIC 439, 496, 559, 2616: Jesus é o filho de David

439 Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel⁴⁴. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito⁴⁵, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido,

³³ Cf. Lc 1, 35.

³⁴ Cf. Rm 1, 3; 2 Tm 2, 8; Ap 22, 16.

³⁵ Cf. Lc 2, 6-7.

³⁶ Cf. Lc 2, 8-20.

³⁷ São Romano o Melódio, Kontakion, 10, In diem Nativitatis Christi, Prooemium: SC 110, 50.

³⁸ Cf. Mt 18, 3-4.

³⁹ Cf. Mt 23, 12.

⁴⁰ Cf. Jo 1, 13.

⁴¹ Cf. Jo 1, 12.

⁴² Cf. Gl 4, 19.

⁴³ Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, 1ª Antífona das I e II Vésperas: Liturgia Horarum, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973), p. 385 e 397 [a versão oficial portuguesa é menos exacta: «Oh admirável mistério! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da sua divindade!»; Liturgia das Horas, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 426 e 441].

⁴⁴ Cf. Mt 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9.15.

⁴⁵ Cf. Jo 4, 25-26; 11, 27.

por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano⁴⁶, essencialmente político⁴⁷.

496 Desde as primeiras formulações da fé⁴⁸, a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]»⁴⁹. Os santos Padres vêem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da raça de David segundo a carne⁵⁰, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus⁵¹; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»⁵².

559 Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei⁵³, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (Lc 1, 32)⁵⁴. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (Sl 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (Zc 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade⁵⁵. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças⁵⁶ e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores⁵⁷. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

2616 A oração *a Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso⁵⁸, de Jairo⁵⁹, da cananea⁶⁰, do bom ladrão⁶¹) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico⁶², da hemorroíssa

⁴⁶ Cf. Mt 22, 41-46.

⁴⁷ Cf. Jo 6, 15; Lc 24, 21.

⁴⁸ Cf. DS 10-64.

⁴⁹ Concílio de Latrão, (ano 649), Canon 3: DS 503.

⁵⁰ Cf. Rm 1, 3.

⁵¹ Cf. Jo 1, 13.

⁵² Santo Inácio de Antioquia, Epistula ad Smyrnaeos 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (Funk 1, 274-276).

⁵³ Cf. Jo 6, 15.

⁵⁴ Cf. Mt 21, 1-11.

⁵⁵ Cf. Jo 18, 37.

⁵⁶ Cf. Mt 21, 15-16; Sl 8, 3.

⁵⁷ Cf. Lc 19, 38; 2, 14.

⁵⁸ Cf. Mc 1, 40-41.

⁵⁹ Cf. Mc 5, 36.

⁶⁰ Cf. Mc 7, 29.

⁶¹ Cf. Lc 23, 39-43.

⁶² Cf. Mc 2, 5.

que Lhe tocou na veste⁶³, as lágrimas e o perfume da pecadora⁶⁴). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (*Mt* 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (*Mc* 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»⁶⁵.

CIC 65, 102: Deus disse tudo no seu Verbo

65 «Muitas vezes e de muitos modos falou Deus antigamente aos nossos pais, pelos Profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo seu Filho» (*Heb* 1, 1-2). Cristo, Filho de Deus feito homem, é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai.

N'Ele, o Pai disse tudo. Não haverá outra palavra além dessa. São João da Cruz, após tantos outros, exprime-o de modo luminoso, ao comentar *Heb* 1, 1-2:

«Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra – e não tem outra – (Deus) disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. [...] Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade»⁶⁶.

102 Através de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus não diz mais que uma só Palavra, o seu Verbo único, em quem totalmente Se diz⁶⁷:

«Lembraí-vos de que o discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só, e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados, o qual, sendo no princípio Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, pois não está sujeito ao tempo»⁶⁸.

CIC 333: o Cristo encarnado é adorado pelos Anjos

333 Da Encarnação à Ascensão, a vida do Verbo Encarnado é rodeada da adoração e serviço dos anjos. Quando Deus «introduziu no mundo o seu Primogénito, disse: Adorem-n'Os todos os anjos de Deus» (*Heb* 1, 6). O seu cântico de louvor, na altura do nascimento de Cristo, nunca deixou de se ouvir no louvor da Igreja:

⁶³ Cf. *Mc* 5, 28.

⁶⁴ Cf. *Lc* 7, 37-38.

⁶⁵ Santo Agostinho, *Enarratio in Psalmum* 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. *Instrução geral da Liturgia das Horas*, 7: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [Liturgia das Horas, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

⁶⁶ São João da Cruz, *Subida del monte Carmelo* 2, 22, 3-5: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 11, Burgos 1929, p. 184 [Id., *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 196 = *Segunda Leitura do Ofício de Leituras da Segunda-Feira da II Semana do Advento*].

⁶⁷ Cf. *Heb* 1, 1-3.

⁶⁸ Santo Agostinho, *Enarratio in Psalmum* 103, 4, 1: CCL 40, 1521 (PL 37, 1378).

«Glória a Deus [...]» (Lc 2, 14). Eles protegem a infância de Jesus⁶⁹, servem-n'O no deserto⁷⁰ e confortam-n'O na agonia⁷¹, no momento em que por eles poderia ter sido salvo das mãos dos inimigos⁷² como outrora Israel⁷³. São ainda os anjos que «evangelizam»⁷⁴, anunciando a Boa-Nova da Encarnação⁷⁵ e da Ressurreição⁷⁶ de Cristo. E estarão presentes aquando da segunda vinda de Cristo, que anunciam⁷⁷, ao serviço do seu juízo⁷⁸.

CIC 1159-1162, 2131, 2502: a Encarnação e as imagens de Cristo

1159 A imagem sagrada, o «ícone» litúrgico, representa principalmente *Cristo*. Não pode representar o Deus invisível e incompreensível; foi a Encarnação do Filho de Deus que inaugurou uma nova «economia» das imagens:

«Outrora Deus, que não tem nem corpo nem figura, não podia de modo algum, ser representado por uma imagem. Mas agora, que Ele se fez ver na carne e viveu no meio dos homens, eu posso fazer uma imagem daquilo que vi de Deus [...] Contemplamos a glória do Senhor com o rosto descoberto»⁷⁹.

1160 A iconografia cristã transpõe para a imagem a mensagem evangélica que a Sagrada Escritura transmite pela palavra. Imagem e palavra esclarecem-se mutuamente:

«Para dizer brevemente a nossa profissão de fé, nós conservamos todas as tradições da Igreja, escritas ou não, que nos foram transmitidas intactas. Uma delas é a representação pictórica das imagens, que está de acordo com a pregação da história evangélica, acreditando que, de verdade e não só de modo aparente, o Deus Verbo Se fez homem, o que é tão útil como proveitoso, pois as coisas que mutuamente se esclarecem têm indubitavelmente uma significação recíproca»⁸⁰.

1161 Todos os sinais da celebração litúrgica fazem referência a Cristo: também as imagens sagradas da Mãe de Deus e dos santos. De facto, elas significam Cristo que nelas é glorificado; manifestam «a nuvem de testemunhas» (*Heb* 12, 1) que continuam a participar na salvação do mundo e às quais estamos unidos, sobretudo na celebração sacramental. Através dos seus ícones, é o homem «à imagem de Deus», finalmente transfigurado «à sua semelhança»⁸¹, que se revela à nossa fé – como ainda os anjos, também eles recapitulados em Cristo:

«Seguindo a doutrina divinamente inspirada dos nossos santos Padres e a tradição da Igreja Católica, que nós sabemos ser a tradição do Espírito Santo que nela habita, definimos com toda a certeza e cuidado que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações

⁶⁹ Cf. Mt 1, 20; 2, 13.19.

⁷⁰ Cf. Mc 1, 13; Mt 4, 11.

⁷¹ Cf. Lc 22, 43.

⁷² Cf. Mt 26, 53.

⁷³ Cf. 2 Mac 10, 29-30; 11, 8.

⁷⁴ Cf. Lc 2, 10.

⁷⁵ Cf. Lc 2, 8-14.

⁷⁶ Cf. Mc 16, 5-7.

⁷⁷ Cf. Act 1, 10-11.

⁷⁸ Cf. Mt 13, 41; 24, 31; Lc 12, 8-9.

⁷⁹ São João Damasceno, *De sacris imaginibus oratio* 1, 16: PTS 17, 89 e 92 (PG 94, 1245 e 1248).

⁸⁰ II Concílio de Niceia (em 787), *Terminus*: COD p. 135.

⁸¹ Cf. Rm 8, 29; 1 Jo 3, 2.

da Cruz preciosa e vivificante, pintadas, representadas em mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre as alfaias e vestes sagradas, nos muros e em quadros, nas casas e nos caminhos; e tanto a imagem de nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, como a de nossa Senhora, a puríssima e santa Mãe de Deus, a dos santos anjos e de todos os santos e justos»⁸².

- 1162** «A beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para os meus olhos e, tal tanto como o espectáculo do campo, impele o meu coração a dar glória a Deus»⁸³. A contemplação dos sagrados ícones, unida à meditação da Palavra de Deus e ao canto dos hinos litúrgicos, entra na harmonia dos sinais da celebração, para que o mistério celebrado se imprima na memória do coração e se exprima depois na vida nova dos fiéis.
- 2131** Com base no mistério do Verbo encarnado, o sétimo Concílio ecuménico, de Niceia (ano de 787) justificou, contra os iconoclastas, o culto dos ícones: dos de Cristo, e também dos da Mãe de Deus, dos anjos e de todos os santos. Encarnando, o Filho de Deus inaugurou uma nova «economia» das imagens.
- 2510** *Em situações concretas, a regra de ouro ajuda a discernir se convém ou não revelar a verdade a quem a pede.*

⁸² II Concílio de Niceia, Definitio de sacris imaginibus: DS 600.

⁸³ São João Damasceno, De sacris imaginibus oratio 1, 47: PTS 17, 151 (PG 94, 1268).